

Índice

Parte I. Crítica da Religião	7
Parte II. Deus Está Morto	57

Parte I. Crítica da Religião

Toda a beleza e sublimidade que atribuímos a coisas reais e imaginárias, eu reclamo como propriedade e produto do homem: a sua apologia mais eloquente. O homem enquanto poeta, pensador, deus, amor, poder — ah, a real magnanimidade da qual dotou as coisas para se *depauperar* e se sentir *miserável*! O seu maior feito de altruísmo foi a sua admiração e veneração, e saber como esconder de si próprio ter sido *ele* o criador do objeto da sua admiração.

★

O movimento contrário; a origem da religião. Do mesmo modo que o homem inculto atual acredita que quando está enfurecido, a sua ira é a causa, que quando pensa, a sua mente é a causa, que quando sente, a sua alma é a causa — resumidamente, do mesmo modo que várias entidades psicológicas continuam a ser identificadas sem hesitação como causas, numa época ainda ingênua, os mesmos fenómenos eram explicados com

recurso a entidades antropomórficas. O homem atribuía as condições que considerava estranhas, fascinantes ou arrebatadoras à influência de um demónio ou de uma bruxa, ou seja, de uma pessoa. Do mesmo modo, o cristão, o homem contemporâneo mais ingénuo e retrógrado, atribui a esperança, a serenidade e a noção de «redenção» a uma inspiração psicológica vinda de Deus; como alguém habituado ao sofrimento e à aflição, o cristão, justamente, considera estranhos os sentimentos de felicidade, exaltação e serenidade, necessitando de explicação para eles. Nos grupos inteligentes, fortes e vigorosos, primeiramente, foram os epiléticos que inspiraram a crença de haver aqui um estranho poder em ação; porém, qualquer condição igualmente involuntária, como a de um fanático, um poeta, um grande criminoso, ou os sentimentos inflamados como o amor ou a vingança, conduzem à invenção de poderes sobre-humanos. Uma condição abstrata é tornada concreta pela sua identificação com uma pessoa, e quando a condição ocorre, afirma-se que é o efeito dessa pessoa. Por outras palavras: na génese psicológica de Deus, a condição interna é personificada sob a forma da sua própria causa externa, de modo que a condição é o efeito de outra coisa que não de si própria.

O raciocínio psicológico é o seguinte: quando um homem é repentina e arrebatadoramente afetado por uma *sensação de poder* (como acontece com todas as grandes paixões), esta suscita na sua mente a dúvida

de poder a sua própria pessoa ser a causa de tal sensação tão formidável; ele não se atreve a pôr essa hipótese, por isso pressupõe a existência de uma pessoa *mais forte* — neste caso, de uma divindade.

Em suma, a origem da religião reside numa sensação desmesurada de poder que as pessoas consideram *estranha*; e assim como um homem enfermo, ao sentir um dos seus membros pesado e peculiar, chega à conclusão de que deve haver um homem sentado em cima dele, o ingênuo *homo religiosus* divide-se em *várias pessoas*. A religião é um exemplo da «*altération de la personnalité*». Ele vivencia algo como uma sensação de profundo respeito e temor perante si próprio... Mas também uma sensação de *extraordinária felicidade e elevação*... No caso dos enfermos, uma sensação de saúde é o suficiente para acreditarem que Deus existe, que Deus está próximo deles.

★

A psicologia primitiva do homem religioso. O homem argumenta que todas as mudanças são efeitos, e que todos os efeitos são o efeito da vontade (está totalmente ausente aqui qualquer noção de «natureza» ou de «lei natural») — que todos os efeitos têm o seu agente. A sua psicologia primitiva consiste em pensar que ele é a causa apenas quando tem consciência de ter sido essa a sua vontade. O resultado disso é os estados de poder transmitirem ao homem a impressão de ele *não* ser

a causa destes, de *não ser responsável* por eles. Tais estados surgem involuntariamente; por conseguinte, o homem não pode ser o autor deles. A vontade involuntária (isto é, a consciência de uma mudança involuntária na nossa condição interna) pressupõe a existência de uma vontade *alheia*.

Consequentemente, o homem nunca ousou atribuir a si próprio todos os seus momentos mais poderosos e sensacionais; sempre os considerou «passivos», «sofridos», arrebatadores. A religião é o desenvolvimento de uma *dúvida* em relação à unidade da pessoa; é uma *altération* da personalidade. Na medida em que tudo o que é grandioso e poderoso no homem foi considerado *sobre-humano* e *alheio* a ele, o homem diminuiu-se; dividiu-se em duas partes, uma miserável e débil, a outra poderosa e sensacional, e colocou-as em esferas separadas, denominando uma de «Homem» e a outra de «Deus».

E persistiu em fazê-lo: durante o período da *preocupação com a moral*, não interpretou tais estados elevados e sublimes como «voluntários» nem como «obra» de alguém. Até o cristão divide a sua personalidade numa ficção fraca e *mesquinha* que denomina de Homem e noutra ficção que denomina de Deus (redentor, salvador).

A religião degradou a própria noção de «homem»; a sua derradeira consequência é que toda a bondade, grandiosidade e verdade são sobre-humanas e concedidas única e exclusivamente pela graça divina.



Uma forma de religião para gerar orgulho nacional. A teoria da afinidade foi outro modo de tirar o homem da degradação provocada pela rejeição dos seus estados de elevação e poder como sendo alheios a si. Tais estados podiam, ao menos, ser interpretados como a influência dos nossos antepassados, com os quais nos relacionamos e solidarizamos; temo-nos em maior consideração se agirmos de acordo com a referência familiar que eles representam. Esta é uma tentativa por parte das famílias nobres de reconciliarem a sua religião com a sua noção particular de respeito próprio.

Transfiguração, metamorfose temporária. Os poetas e os videntes fazem a mesma coisa; sentem orgulho por terem sido *escolhidos* para a honra de tais misteres e dão muito valor ao facto de não serem considerados indivíduos, mas meros porta-vozes (Homero). Não obstante, é outra forma de religião: Deus escolhe, Deus torna-Se homem, Deus habita entre os homens, concedendo bênçãos esplêndidas; uma lenda local é apresentada como um «drama» imortal. Gradualmente, o homem apodera-se dos estados mais elevados e soberbos, das suas obras e façanhas. Anteriormente, as pessoas acreditavam que atribuir a responsabilidade pelos seus feitos mais nobres a Deus e não a si próprias era honrarem-se. Pensava-se que a *involuntariedade* de uma proeza lhe conferia um valor maior; na altura, atribuía-se a sua autoria a um deus...



Os sacerdotes são atores que desempenham o papel de algo sobre-humano que tem de ser manifestado, sejam ideais ou deuses e salvadores; têm instinto para este tipo de coisa e fizeram dela a sua vocação; para tornar tudo isto o mais credível possível, têm de fazer o máximo para se integrarem no seu papel; acima de tudo, a sua habilidade como atores tem de lhes valer uma *boa consciência*, a única coisa que lhes permite ser verdadeiramente convincentes.



A origem da moral. O sacerdote quer determinar que deve ser encarado como o tipo mais elevado de homem, que predomina, mesmo sobre aqueles que detêm o poder secular, que é invulnerável, intangível... que é o poder mais forte na comunidade e que não pode ser, em absoluto, substituído nem subestimado.

Os *fundamentos* que emprega são os seguintes: só ele é omnisciente; só ele é virtuoso; só ele tem uma vontade indómita; só ele é, em certo sentido, Deus, e tem a sua origem na Divindade; só ele é o intermediário entre Deus e os outros; a Divindade castiga qualquer pensamento passageiro de oposição ao sacerdote e qualquer desvantagem que lhe seja imposta.

Outro fundamento que emprega é que a *verdade* existe. Só há uma forma de chegar até ela, que é tornar-se

sacerdote. Tudo aquilo que é bom, seja na ordem social, na natureza ou na tradição, remonta à sabedoria dos sacerdotes. O Livro Sagrado é obra deles; tudo o que faz parte da *natureza* não passa da execução das suas leis. Não existe nenhuma outra fonte de bondade além do sacerdote. Qualquer outro tipo de excelência, por exemplo, a do *rei*, é de uma ordem totalmente diferente da do sacerdote.

Por conseguinte, se o sacerdote é o tipo supremo de homem, a hierarquia das suas virtudes deve constituir a hierarquia de valores entre os homens. *Estudo, desapego, inatividade, impassibilidade, imperturbabilidade, solenidade*; o *oposto* de tudo isto encontra-se na espécie mais *mediocre* dos homens... O induzimento do medo, os gestos, as maneiras hieráticas, o *desprezo* excessivo pelo corpo e pelos sentidos — o *não natural* como sinal do *sobrenatural*.

O sacerdote ensinou um tipo de moral para ser considerado o *tipo supremo* de homem. Concebe então o tipo de homem *oposto*, o *chandala*, o pária, que o sacerdote denigre recorrendo a todos os meios disponíveis, para o pária servir de *contraste* na ordem de castas. De modo semelhante, o seu medo extremo face à *sensualidade* também se deve ao *entendimento* de que a sensualidade representa a mais séria ameaça à *ordem de castas* (isto é, à *ordem* em geral)... Afinal, qualquer «tendência mais liberal» *in puncto puncti* deita as leis do casamento completamente *por terra*.

★

O filósofo *como o desenvolvimento do tipo* eclesiástico. O filósofo vem de uma longa linhagem de sacerdotes, e é isso que ele é até à medula; mesmo enquanto rival, é obrigado a usar as mesmas armas que os sacerdotes da sua época; e, tal como eles, aspira [à] *autoridade suprema*. O que confere *autoridade* aos homens se eles não possuem qualquer espécie de poder secular (se não tiverem nenhum exército, se não tiverem *armas*)? Em especial, como adquirem autoridade *sobre* aqueles que de facto *detêm* autoridade e poder secular? Como podem inspirar mais temor do que os príncipes, conquistando heróis e estadistas sábios?

Apenas inspirando a crença de que possuem um poder ainda maior e superior: o poder de *Deus*. E como não existe maior poder do que esse, todos têm de *depende*r da mediação e do serviço dos sacerdotes. Eles apresentam-se como *intercessores* indispensáveis. Para eles, é de vital importância: (1) que as pessoas acreditem no seu Deus, na superioridade absoluta do seu Deus; e (2) que não exista nenhum outro acesso direto a Deus. A *segunda* condição, por si só, dá origem à noção de «heterodoxia»; a *primeira* dá origem à noção de «infiel» (isto é, aquele que acredita *noutro* deus).

★

«Aperfeiçoamento». *Uma crítica à mentira sagrada*. Faz parte da teoria de todo o sacerdócio uma mentira ser permitida para fins piedosos; o objeto desta investigação

é em que medida faz também ela parte da prática dos sacerdotes. Mas os filósofos, que partilham das mesmas segundas intenções que os sacerdotes, também nunca deixaram de arrogar a si próprios o direito de mentir sempre que a intenção era tomarem as rédeas do rumo da humanidade, tendo Platão sido o pioneiro. A que causa maior impressão é a dupla mentira, desenvolvida pelos filósofos tipicamente arianos do Vedanta, que consistia em dois sistemas que se contradiziam em todos os seus pontos principais, mas que, por motivos pedagógicos, eram separados um do outro, completando-se e complementando-se.

A mentira de um tem como objetivo criar uma condição na qual a verdade do outro se torna *inteligível*. Até onde foram os sacerdotes e os filósofos com a sua mentira piedosa? Aqui, temos de perguntar quais são as suas exigências no que respeita à educação, e que dogmas se sentem forçados a *inventar* para satisfazer essas exigências.

Em primeiro lugar, precisam de ter do seu lado poder, autoridade e uma credibilidade absoluta.

Em segundo lugar, precisam de ter todo o curso da natureza nas suas mãos, para que tudo aquilo que afeta o indivíduo pareça ser condicionado pelas leis deles.

Em terceiro lugar, o seu poder tem de ser ainda mais abrangente do que isso; têm de exercer um controlo quase invisível sobre aqueles que subjugaram, pelo castigo no outro mundo, na «vida após a morte» — e, claro, por conhecerem os caminhos e os meandros da beatitude.

Têm de eliminar a noção de um curso natural dos acontecimentos, mas sendo pessoas sábias e sérias, são capazes de *prometer* que, da oração ou da rígida observância das suas leis, naturalmente, resulta um sem-número de efeitos... Além disso, podem *prescrever* um sem-número de coisas que são perfeitamente razoáveis — desde que não atribuam essa sabedoria ao conhecimento empírico nem à experiência, mas sim à revelação e aos frutos da «mais austera mortificação». Por conseguinte, a *mentira sagrada* diz respeito, principalmente, ao *propósito* de um ato (o propósito natural de um ato, a sua verdadeira razão, é mantida invisível, e no seu lugar emerge um propósito moral, em conformidade com alguma lei, com o serviço a Deus). A *mentira sagrada* diz respeito igualmente à *consequência* de um ato (a consequência natural é interpretada como algo sobrenatural, e para produzir um determinado efeito admite-se a probabilidade de consequências sobrenaturais ainda mais incontrolláveis).

Deste modo, são criados os conceitos do *bem* e do *mal*, que parecem estar totalmente desligados das noções naturais de «útil», «nocivo», «estimulante», «diminuente»; de facto, na medida em que é concebida *outra* vida, tais conceitos podem até ser totalmente *antagónicos* aos conceitos naturalistas do bem e do mal. Deste modo, é finalmente criada a famosa noção de «consciência»: uma voz interior que *não* avalia um ato pelas suas consequências, mas pela sua intenção e pela conformidade dessa intuição com a «lei».

O resultado é a mentira sagrada ter inventado: um Deus que *recompensa* e *castiga*, que aprova unicamente as leis dos sacerdotes, os únicos enviados por Ele a este mundo como seus intérpretes e plenipotenciários; uma *vida após a morte*, na qual a grande máquina punitiva se destina a operar desde o início, com a finalidade da «*imortalidade da alma*»; a *consciência* no homem, sob a forma da percepção de que o bem e o mal são imutáveis, de que, quando a voz da consciência recomenda a conformidade com os preceitos eclesiásticos, é a voz do próprio Deus que fala; a *moral* como a *negação* de qualquer rumo natural dos acontecimentos, como a redução de qualquer acontecimento a um evento condicionado pela moral, pela moralização (isto é, pela noção de castigo e recompensa), como se fora imbuída no mundo, como o único poder, como a *criadora* de toda a mudança; a *verdade*, tal como ela é transmitida, revelada e concordante com os ensinamentos do clero, como a condição para toda a salvação e felicidade nesta vida e na do além. Resumidamente, qual é o preço a pagar pelo *aperfeiçoamento* moral?

A suspensão da *razão* e a redução de todos os motivos à esperança e ao medo (recompensa e castigo); a *dependência* da tutela sacerdotal, e da fidelidade na observância das formalidades que supostamente expressam uma vontade divina; o estabelecimento de uma «consciência» que substitui um *falso conhecimento* pela tentativa e erro, como se já tivesse sido determinado o que deve ou não ser feito — o que equivale a uma espécie de castração

da mente inquisitiva e progressista; em suma, a pior mutilação ao homem que [se pode] imaginar, realizada sob o pretexto de tornar o homem «bom».

Na prática, toda a razão, todo o espólio de sabedoria, subtileza e clarividência que o cânone sacerdotal pressupõe é, subsequentemente, reduzido de um modo arbitrário a um mero *mecanismo*; a conformidade com a lei torna-se um fim em si mesmo, aliás, o mais elevado de todos. *Todos os problemas da vida são resolvidos.*

Toda a concepção do mundo é manchada pela noção de *castigo*... Devido ao facto de a vida sacerdotal ser defendida como o *non plus ultra* da perfeição, a própria vida é recontextualizada para a difamar e profanar... A noção de «Deus» representa uma aversão e uma crítica à vida; representa uma condenação da própria vida... A própria verdade é reformulada como a mentira sacerdotal; a busca da verdade como o *estudo das Escrituras*, como um meio de o homem se tornar um *teólogo*...

★

Crítica das leis de Manu. Todo o livro assenta na mentira sagrada. Terá sido o bem da humanidade a inspirar todo este sistema? Terá este tipo de homem, que crê que cada ação é guiada pelo *interesse pessoal*, estado ou não interessado em impor este sistema? O que inspira um homem a criar a intenção de aperfeiçoar a raça humana? Como é que se chega à noção de aperfeiçoamento? Descobrimos aqui um tipo de homem, o *sacerdote*, que

se considera o padrão, o apogeu e a expressão suprema da espécie humana. Chega à conclusão de que os outros necessitam de «aperfeiçoamento», comparando-os a si próprio. Acredita na sua superioridade inerente e *tenciona* ser comprovadamente superior a eles: a origem da mentira sagrada é a *vontade de poder*...

Para estabelecer a sua supremacia, ele precisa de estabelecer a supremacia das ideias que depositam um *non plus ultra* no sacerdócio. Procura o poder através da mentira sagrada, reconhecendo o facto de ainda não o possuir no sentido físico, militar... A mentira sagrada aumenta o seu poder — e fornece-lhe uma nova noção: a da «verdade».

É errado partirmos do princípio de que este é algum tipo de desenvolvimento *inconsciente* e *ingénuo*, alguma espécie de autoilusão. Não são os fanáticos que inventam estes sistemas opressivos tão cuidadosamente ponderados... Houve aqui uma premeditação a sangue-frio em ação, o mesmo género de premeditação que Platão empreendeu ao esboçar a sua *República*. A ideia política de «É mister querer os meios quando se quer os fins» é uma ideia que os legisladores sempre entenderam com perfeita clareza.

Nós possuímos o modelo clássico na sua forma especificamente *ariana*; por conseguinte, podemos atribuir àqueles que são mais dotados e sensatos a responsabilidade pela mentira mais basilar que já foi contada... Foi imitada em quase toda a parte, e por isso podemos afirmar que a *influência ariana* corrompeu o mundo...

★

As *morais* e as religiões constituem o principal recurso para moldar os homens a qualquer forma desejada, desde que se possua poder criativo em abundância e se consiga reforçar a vontade criativa por longos períodos, sob a forma de legislação, religiões e costumes.

★

A religião, como tal, nada tem que ver com moral; mas ambas as descendências da religião judaica são *essencialmente* religiões morais que emitem normas em relação ao modo como se *deve* viver e que reforçam as suas exigências com recompensas e castigos.

★

Desde o princípio que o padre cristão se tornou o inimigo mortal da sensualidade; é difícil imaginar maior contraste com esta atitude do que o sentimento de antecipação inocente, o sentimento de solenidade com o qual a presença de símbolos sexuais [foi vivida], por exemplo, pelas mulheres nos cultos mais veneráveis de Atenas. Em todas as religiões não ascéticas, o ato de procriação foi considerado inerentemente misterioso: uma espécie de representação da perfeição e de desígnio misterioso — um símbolo do futuro (do renascimento, da imortalidade).

★

Para nós, a crença é o grilhão mais poderoso, o tormento mais doloroso — e a *asa mais forte*. O cristianismo deveria ter elevado a inocência do homem a um assunto de fé — então, os homens ter-se-iam tornado deuses: naqueles tempos, ainda era *possível* acreditar.

★

As grandes mentiras da história. Como se tivesse sido a *corrupção* do paganismo a abrir caminho ao cristianismo! Não, o enfraquecimento e a *moralização* do homem da Antiguidade é que o fizeram! A reinterpretção dos impulsos naturais como *vícios* já precedera o seu surgimento!

★

A religião como *décadence*; Buda versus «o Crucificado». Dentro do movimento niilista maior, há que fazer uma clara distinção entre o *cristianismo* e o *budismo*. O budismo é a expressão de um *belo entardecer*, de uma doçura e brandura perfeitas, uma espécie de gratidão por tudo o que se deixou para trás; falta-lhe amargura, desilusão e rancor. Em definitivo, um amor intelectual, superior; a purificação de uma fisiologia em contradição consigo própria ficou agora para trás, e inclusive disso repousa, apesar de ser precisamente daqui que deriva

a sua glória intelectual e o seu radioso ocaso (tem a sua origem nas castas superiores).

O *cristianismo* é um movimento que carrega todas as marcas da degeneração, consistindo em toda a espécie de resíduos e detritos; *não* é a expressão da queda de uma raça, mas sim, desde o início, uma agregação de elementos mórbidos, que se amontoam, que se procuram mutuamente... Por isso, *nem* é um fenómeno nacional *nem* se deve à influência de nenhuma raça específica; em vez disso, apela aos desfavorecidos por toda a parte; no fundo, é uma expressão de rancor contra tudo o que é bem constituído e dominante, da necessidade de um símbolo para representar uma maldição contra tudo o que seja bem constituído e dominante. Além disso, é contrário a todos os movimentos *intelectuais*, a toda a filosofia; toma o partido dos idiotas e amaldiçoa o intelecto. Está carregado de rancor contra os talentosos, os instruídos, os intelectualmente emancipados, pois desconfia que sejam *bem constituídos* e *dominantes*.

★

A única maneira de refutar os sacerdotes e as religiões é mostrar que os erros deles deixaram de ser *benéficos* — que fazem mais mal do que bem; em suma, que a sua «demonstração de poder» já não contém bem nenhum...

★

O cristianismo não deve ser confundido com a origem do seu nome. As suas outras origens foram muito mais expressivas, mais importantes na formação do seu núcleo, do que esta. É de uma injustiça tremenda ao seu nome sagrado identificá-lo com terríveis expressões de deformidade e decadência como a «Igreja Cristã», a «fé cristã», a «vida cristã». O que negou Cristo? Tudo o que agora é apelidado de cristão.

★

Todas as doutrinas em que o cristianismo nos exige que acreditemos, todas as suas «verdades», não passam de mentiras e ilusões, exatamente o oposto daquilo que o movimento cristão começou por ser...

Tudo o que é particularmente cristão no sentido *eclesiástico* é *anticristão* desde o início; a conformidade com coisas e pessoas em vez de símbolos; a conformidade com a história em vez das verdades eternas; a conformidade com fórmulas, rituais e dogmas em vez da prática, da forma de viver... Ser cristão é ser perfeitamente indiferente a dogmas, cultos, padres, igrejas e à teologia...

A prática do cristianismo não é nenhuma quimera, tão-pouco a prática do budismo: é um meio para atingir a felicidade...

★

Jesus vai direto ao assunto: o «reino dos céus» está no coração, e ele *não* encontra o caminho para o atingir nos ritos judaicos; mesmo a realidade do próprio judaísmo (a sua necessidade de autopreservação) não conta para nada para Jesus; ele possui uma pureza *interna*. Tão-pouco se interessa pelas fórmulas rudimentares que dizem respeito à nossa comunhão com Deus: opõe-se a toda a doutrina da contrição e da expiação; mostra-nos como vivemos sentindo-nos «deificados», e como deixamos de sentir essa deificação através do arrependimento e da contrição pelos nossos pecados. «*Os pecados não importam*» é o seu principal parecer. Para nos tornarmos «divinos», o mais importante é estarmos fartos do pecado; por isso, a este respeito, o pecador encontra-se numa posição ainda melhor do que o justo... O pecado, o arrependimento, o perdão — nada disto tem lugar aqui... é acrescentado pelo judaísmo, ou então é pagão.

★

O «reino dos céus» encontra-se dentro dos corações dos homens (em relação às crianças, é dito: «pois deles é o reino dos céus»): o Céu nada tem que ver com estar «acima da Terra». O reino de Deus não «chega», no sentido cronológico ou histórico, pelo calendário, não chega aqui um dia, quando não existia no dia anterior; é uma «mudança no coração das pessoas» e, por isso, é algo que, a qualquer momento, se pode dizer que chegou a altura, e que ainda não chegou a altura.

★

Mal-entendidos cristãos. O ladrão na cruz: quando o próprio criminoso, sofrendo uma morte dolorosa, julga «a forma como este Jesus sofre e morre, sem rebelião, sem hostilidade, entregando-se graciosamente, só isto está certo», ele proclama o evangelho; e, com isso, *encontra-se no paraíso...*

★

Jesus fazia a distinção entre uma vida verdadeira, uma vida em verdade, e uma vida comum; nada poderia estar mais longe da sua mente do que o grosseiro disparate de «Pedro tornado imortal», da existência eterna de uma pessoa.

Ele lutava contra a *arrogância*, a importância atribuída à «pessoa»; como poderia ele ter querido imortalizar isso? Lutou igualmente contra a hierarquia dentro da comunidade; nunca promete a recompensa proporcional ao deserto; como poderia ele ter querido o castigo e a recompensa na vida depois da morte!

★

O humor da coisa, o humor trágico, é que Paulo recuperou em grande escala precisamente aquilo que Jesus tinha anulado através do exemplo da sua vida. E quando, finalmente, a Igreja foi concluída, até

a *existência do Estado* recebeu a sua aprovação... Note-se que Paulo pegou nos princípios de um novo *movimento de paz* não muito distinto do budismo, uma possível cura para o *ressentimento* que surgira no próprio foco da epidemia... e transformou-o no seu oposto, numa religião pagã misteriosa, que acaba por aprender a conviver com toda a *organização do Estado*... que acaba por guerrear, condenar, torturar, blasfemar e odiar.

O ponto de partida de Paulo é a maioria, dada ao fervor religioso, e a sua necessidade de mistério. Está à procura de um *sacrifício*, de uma fantasmagoria sangrenta que possa rivalizar com as imagens de um culto secreto: Deus crucificado, o cálice do seu sangue, a *unio mystica* com o «sacrifício».

Está a tentar estabelecer uma ligação entre *sacrifício* (segundo o modelo de Dioniso, de Mitra, de Osíris) e *ressurreição* (entendida como a *existência contínua* da alma individual, após ter sido absolvida e abençoada).

Precisa de trazer as noções de *pecado* e de *culpa* para primeiro plano: *não* uma nova maneira de viver (como o próprio Jesus demonstrou e ensinou), mas um novo culto, uma nova fé, uma fé na transformação pelo milagre (a «salvação» através da fé).

Ele compreendia que *o mundo pagão* tinha uma *grande necessidade* de algo desse tipo; com essa finalidade, seleccionou arbitrariamente e salientou repetidamente certos factos da vida e da morte de Cristo, dando-lhes uma ênfase que geralmente estava mal colocada... tendo assim, basicamente, *anulado* o cristianismo na sua forma original...

Graças a Paulo, a tentativa de abolir os *padres* e os *teólogos* conduziu a um novo sacerdócio e a uma nova teologia — a uma classe *dominante* e a uma *Igreja*.

A tentativa de abolir a *arrogância*, a importância atribuída à «pessoa», levou à crença numa «identidade pessoal» que existe eternamente, à preocupação com a «salvação eterna»... e ao exagero paradoxal do egoísmo pessoal.

Podemos ver o que chegou ao fim com a morte na cruz. *Paulo* surge como o portador demoníaco de más notícias...

★

A Igreja é precisamente aquilo contra o que Jesus pregou e que ensinou os seus discípulos a combater.

★

Não existe nenhum Deus que morreu pelos nossos pecados, nenhuma salvação através da fé, nem nenhuma ressurreição depois da morte: tudo isto é um logro quando comparado com o verdadeiro cristianismo, e por esse logro há um sujeito sinistro e obstinado [*Paulo*] que tem de ser responsabilizado.

A *vida exemplar* é uma vida de amor e humildade, cujo bom coração não exclui ninguém, nem mesmo os mais ínfimos; uma vida que renuncia formalmente a qualquer sentimento de superioridade, autodefesa e vitória (no sentido do triunfo pessoal); uma vida que deposita

a sua fé numa beatitude aqui na Terra, apesar da adversidade, da hostilidade e da morte; uma vida repleta de perdão e desprovida de ira e de escárnio; uma vida que não busca a recompensa e que não está sujeita a ninguém; uma vida de total emancipação espiritual e intelectual; uma vida em que o orgulho está subordinado à pobreza e ao serviço voluntários.

Assim que a Igreja fez desaparecer *toda a prática cristã* e aprovou expressamente a vida dentro do Estado, o tipo de vida ao qual Jesus se opôs e condenou, teve de ir buscar o *sentido* do cristianismo a outro sítio: à *fé* nas coisas incríveis, à oração solene, ao culto, às festas, etc. As noções de «pecado», «perdão», «castigo» e «recompensa», todas elas bastante insignificantes para o cristianismo inicial e praticamente *excluídas* dele, adquiriram então importância.

Uma confusão medonha de filosofia grega e judaísmo; ascetismo; permanentes juízos e condenações; hierarquia...

★

Desde os seus primórdios, a única coisa que o cristianismo fez foi transformar o simbólico em *cruezas*:

- (1) A oposição entre uma «vida verdadeira» e uma «vida falsa» é mal interpretada como uma oposição entre uma «vida imanente» e uma «vida transcendente».

- (2) A noção de «vida eterna», por oposição a uma vida pessoal e efémera, é mal interpretada como a «imortalidade pessoal».
- (3) O sentimento de fraternidade gerado pela partilha de comida e bebida, segundo os costumes hebraicos e árabes, é mal interpretado como o «milagre da transubstanciação».
- (4) A «ressurreição» é mal interpretada como a entrada para a «verdadeira vida», no sentido de um «renascimento» físico, e, por isso, uma contingência histórica que ocorre algum tempo após a morte.
- (5) A doutrina acerca do homem em geral, da relação vital entre o homem e Deus, é mal interpretada como sendo acerca do «filho de Deus», e, por isso, acerca da «Segunda Pessoa da Trindade» — e é precisamente isto que é *eliminado*: a relação filial de todos os homens, mesmo os mais ínfimos, com Deus.
- (6) A salvação através da fé, nomeadamente, de não haver outra forma de nos tornarmos filhos de Deus a não ser através do *modo de vida* ensinado por Cristo, é transformada no seu oposto: a salvação através da crença de que existe uma *redenção* miraculosa do *pecado* que não é alcançada pelo homem, mas por ação de Cristo. Para tal, o «Cristo na cruz» teve de ser reinterpretado.

Em si, esta morte não foi a parte mais importante da sua obra... foi apenas outra indicação de como nos devemos comportar perante a autoridade, perante as leis do mundo... sem nos defendermos... *Aqui residia o exemplo.*

★

Convicção: sobre a psicologia de Paulo. Para Paulo, o facto incontornável da morte de Jesus precisa desesperadamente de uma *interpretação*... Que uma interpretação possa ser verdadeira ou falsa é algo que nunca ocorre a estes indivíduos; um dia, uma extraordinária possibilidade passa-lhes pela cabeça: «A morte dele *pode* significar isto e aquilo», e, sem hesitação, concluem que *significa* isto e aquilo! A hipótese é confirmada pelo *entusiasmo* sublime que inspira no seu criador... Este é um exemplo da «demonstração de poder»; isto é, a verdade de um pensamento é demonstrada pelos seus *efeitos* («pelos seus frutos», como diz a Bíblia, de forma engenhosa); aquilo que um homem considera encantador, pelo qual um homem derrama o seu sangue, tem de ser *verdade*.

Nestes casos, falando no geral, a súbita sensação de poder que um pensamento origina no seu criador é atribuída ao pensamento em si — o pensamento parece ser intrinsecamente *valioso* — e, uma vez que o seu criador não conhece outra forma de o honrar a não ser dizer que é *verdadeiro*, esta é a primeira qualidade que lhe aplica... De que outro modo poderia ele ter tamanho

impacto? O criador imagina que o pensamento lhe chega através de um poder superior, e se esse poder não fosse real, não poderia de todo causar impacto... O pensamento é considerado *inspirado*; a influência que exerce contém algo da autoridade do sobrenatural. Um pensamento que um decadente considera irresistível, e pelo qual se torna obcecado, é deste modo *verdadeiro*, «como se pode demonstrar». Nenhum destes epiléticos sagrados e visionários tinha uma fração da integridade, da capacidade de autocrítica que um filólogo atual traz à leitura de um texto ou à verificação do relato de algum evento histórico em busca da sua correção... Comparados connosco, tais indivíduos são uns cretinos morais.

★

A indiferença do cristianismo quanto a *algo ser verdadeiro* desde que *cause impacto* revela uma *falta absoluta de integridade intelectual*. Tudo é aceitável, incluindo a mentira, a calúnia e a hipocrisia mais descarada, desde que sirva para elevar a temperatura — até as pessoas «acreditarem».

O cristianismo ensina formalmente os meios de doutrinação, ou seja, de *sedução*, que incluem: um desprezo fundamental pelas esferas das quais se pode esperar oposição (a razão, a filosofia e o conhecimento, a investigação cuidadosa e cética); um enaltecimento e uma exaltação escandalosos da doutrina, com a contínua

referência [ao facto] de ter sido Deus (e não o apóstolo) que no-la deu; que não podemos questioná-la, mas aceitá-la com base na fé; que é uma graça divina extraordinária receber tal doutrina da salvação; que deve ser recebida com a mais profunda gratidão e humildade...

O cristianismo aposta sempre nos *ressentimentos* que as pessoas de condição baixa têm contra tudo o que é tido em elevada consideração; o que as seduz e leva a aceitar esta doutrina é o facto de lhes ser apresentada como a doutrina contrária ao conhecimento deste mundo, aos poderes deste mundo. Todos os tipos de marginalizados e infelizes a acham convincente: promete bênçãos, benefícios e privilégios para os mais humildes e vulgares; incita estas pobres cabeças tontas ao fanatismo, enchendo-as de uma presunção absurda, como se fossem o centro de tudo, o sal da Terra...

Como já disse, nunca podemos desprezar tudo isto o suficiente. Fomos poupados à necessidade de *criticar a própria doutrina*; basta considerar os meios que ela emprega para saber o que nos causa preocupação. Em toda a história do intelecto nunca houve uma mentira mais descarada, um exemplo de indignidade tão cuidadosamente elaborado como o cristianismo — e, contudo, esta doutrina alinhou-se com a *virtude*, aproveitando-se desavergonhadamente de todo o *poder fascinante da virtude*... Alinhou-se com o poder do paradoxo, com o gosto da civilização antiga pela pimenta e o apetite pelo absurdo; foi motivo de pasmo e indignação; gerou perseguição e maus-tratos.